

EMPODERAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL – OS CAMINHOS DA PESQUISA.

Isabela Pereira Vique

Orientadora: Maria da Conceição Silva Soares

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Educação pvique.isabela@gmail.com

Introdução e Justificativa

O seguinte trabalho se propõe a expor e problematizar os caminhos traçados para a investigação de campo da pesquisa de Mestrado intitulada: *Empoderar na Educação Infantil – pela possibilidade de uma educação não sexista*. O termo “empoderar” quer dizer apropriar-se dos seus direitos e se libertar de conceitos que perpetuam a submissão e opressão contra a mulher: “O trabalho de empoderamento deve ser interno – cultivando a nossa auto-estima – e externo, sempre presente em todos os âmbitos da vida: família, escola, faculdade, e claro, mercado de trabalho.” (SOUZA, 2016). O processo de empoderamento se faz necessário por ainda se acreditar que o simples fato de uma pessoa nascer com o denominado sexo biológico feminino a torna naturalmente submissa ao sexo masculino.

Para a realização deste projeto, pensou-se em uma intervenção pautada nas pesquisas no/dos/ com os cotidianos (Alves, 2008), lançando, desta forma, um *mergulho* em todos os sentidos em uma turma de Pré Escola de uma escola particular situada no bairro de Vila Isabel. A proposta é intervir, na perspectiva de produzir problematizações com os praticantes da escola, duvidando do que já é tido como já sabido, criando questões e colocando em xeque modos habituais de conhecer e agir, abrindo espaço para novos outros modos de significar e para o alargamento das redes de saberes, fazeres e poderes tecidas *dentrofora* deste espaço.

O objetivo de constituir a pesquisa em uma turma de Educação Infantil se deve ao fato de que essa etapa é o início da educação básica e, portanto, contém a primeira instituição normativa de ensino a que a criança tem acesso, tendo assim um papel fundamental na construção de subjetividades e normatividades. As redes de significações que as cercam dizem muito sobre elas e os outros, e introduzem comportamentos e discursos que separam as crianças através da compreensão de uma diferença sexual naturalizada pela sociedade, que

posteriormente pode gerar a submissão e opressão feminina.

Desta forma, estando mergulhada nos cotidianos de uma turma de pré escola de uma determinada localidade, podemos entender como ali podem ser promovidas segregações; empoderamentos; silenciamentos; predeterminações; liberdades de expressão; polimentos; alegrias; possibilidades. E para, além disto, a pesquisa também se propõe a perceber como as disputas acerca das significações vão se moldando com as práticas e discursos das próprias crianças, como elas vão percebendo as diferenças através do que já interiorizaram sobre as normativas dos sexo-gêneros e como podem estranhar, negociar ou normalizar.

Objetivos

- Conhecer, acompanhar e se misturar na rotina de uma turma de pré escola;
- Identificar práticas de segregações por gênero e também as que são empoderadoras;
- Apresentar vídeos que contenham animações de bonecos, do *YouTube*, sem o som, como disparador das discussões para produzir estranhamento e questões;
- Apresentar diferentes bonecas com o propósito de produzir histórias, encenações e narrativas, dessa forma compreender e intervir nos modos como se dão as disputas em torno das significações.

Metodologia, Resultados e Discussões

Após um contato inicial com as crianças, participando de suas brincadeiras, atividades e interações, a pesquisadora, que estará mergulhada neste cotidiano, irá propor às crianças, em um segundo momento, a visualização de dois vídeos de animação, do *YouTube*, denominados: “*Curtas Toy story – Férias no Havai*” (<https://www.youtube.com/watch?v=oIANkZ7wTHg>) e “*Valente: arco e flecha*” (<https://www.youtube.com/watch?v=q7279jnQLRU>). A proposta é passar esses vídeos sem o som, para que as crianças possam construir as histórias de acordo com as suas perspectivas. A intenção é tentar perceber quais interpretações e entendimentos os vídeos construídos com bonecas suscitam acerca dos sexos-gêneros.

Após este momento, a pesquisadora levará para as crianças diferentes bonecas de pano confeccionados com feltro, para interações e negociações. As bonecas apresentadas serão: um menino vestido de cozinheiro; uma menina vestida de jogadora de futebol; uma menina negra com a cor da pele mais clara e uma menina negra com a cor da pele mais escura; uma boneca de óculos; um menino fantasiado de fada; uma menina gorda; um menino e uma menina vestidos a partir das normativas de gêneros. A

proposta é apresentar as diferentes bonecas e ver o que as crianças têm a dizer sobre eles, quais ideias elas formulam através das diferenciações e marcadores; como ocorrem essas disputas em torno das significações, e ainda, como esses conflitos se engendram e produzem práticas cotidianas.

A utilização de bonecas negras se dá pela necessidade de discutir, também, sobre fatores como raça/etnia, classe social, idade. Há de se deixar claro que a submissão e opressão entre as mulheres não acontecem sempre no mesmo formato, existem ramificações e especificidades firmados pelos cruzamentos indicadores das diferenças, denominados de interseccionalidade. A mulher negra, subjugada também pela cor da pele, encontra desafios e lutas que as mulheres brancas não sentem e vivem em seus cotidianos. Entender que não se trata apenas de feminismo, mas sim de feminismos, é o ponto de partida para entender a interseccionalidade, que se pode conceituar como:

[...] contribuição para compreender-intervir diante das formas de regulação sociocultural das subjetividades, especialmente a partir dos agenciamentos discursivos que produzem as materialidades de raça/etnia, classe, gênero, sexualidade e localidade, entre outros marcadores sociais e culturais de identidade e diferença. (POCAHY, 2011, p. 21)

A interseccionalidade ser encarada com menos invisibilidade atualmente nos estudos feministas, não exclui a necessidade de problematizá-la nas mais diversas esferas, ainda há muita luta pela frente.

Voltando aos caminhos da pesquisa, as crianças, posteriormente, irão construir histórias através das bonecas, e produzirão coletivamente pequenos vídeos, utilizando o celular, como forma de registro e criação da de narrativas sobre si e o outro, engendrando processos de subjetivação.

Alguns passos já foram dados para as interações propostas nesta pesquisa. Podemos destacar, até aqui, a história produzida coletivamente pela turma pesquisada através do vídeo *Valente: arco e flecha*. Algumas crianças já conheciam o vídeo, e por isso utilizaram-se desta referência para escolher o nome da história, chamada de “História dos Valentins”. As crianças pontuaram que a menina que apareceu no vídeo lançando a flecha era uma princesa, que por ter esse hábito, deixava sua mãe (a rainha) muito brava. “Brava” foi o primeiro adjetivo que direcionaram a rainha, mas logo em seguida surgiu o “preocupada” para caracteriza-la. A história que inicialmente se encaminhava para o fato

de que a chateação da mãe se devia ao fato de que princesas não deveriam lutar com arco e flecha, fez uma curva, e as crianças então decidiram que o real motivo da desaprovação era o medo e a preocupação que a mãe tinha de ver sua filha machucada pelo “objetivo perigoso”. Uma das crianças disse que: “mães se preocupam com os filhos.” E outra criança disse: “Mas a mãe deveria ficar feliz porque ela conseguiu. Tentou e conseguiu.” O pequeno vídeo utilizado como disparador para as discussões pôde suscitar negociações e disputas a partir das normativas de sexo-gêneros. As crianças que inicialmente tendiam à interpretação de que princesas não lutam, pararam para refletir através da fala de uma criança que lançou a ideia de uma “mãe preocupada”. Ao final da negociação fizeram uma votação para escolher o melhor caminho para história: “Quem acha que eu tô certa levanta a mão”. O que se pôde perceber é que mesmo algumas crianças já tendo visto previamente o vídeo, houve espaços para negociações e novas interpretações. Seja pelo vídeo ter sido passado sem som, ou através de um novo questionamento. O que fascina nesse enredo é que elas se lançaram em construir uma nova história considerando outros aspectos.

Conclusões

As construções teóricas tecidas pelas crianças nos mostram a importância de não subestimá-las e diminuí-las, e mais ainda, que é imprescindível utilizar também tais construções para empoderá-las. Talvez não precise explicar muito para crianças pequenas sobre o machismo; segregações; sobre poder brincar com todos os brinquedos e gostar de todas as cores. Talvez baste apenas deixá-las livres para tantas experimentações, possibilidades e construções teóricas pautadas em seus cotidianos. Deixá-las tirarem suas conclusões, sem desdenhar e enfraquecer, e ainda, problematizar tais construções com elas mesmas, incentivando-as a pensar e analisar os efeitos dos discursos e gestos que criam.

Referências

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). O sentido da escola. 5. Ed. Petrópolis: DP, 2008.

SOUZA, Babi. Vamos Juntas? O guia da sororidade para todas. 1 .ed. Galera Record, 2016.

POCAHY, Fernando Altair. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. Revista Textura (ULBRA), v. 13, n. 23 (2011). Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/984>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2018, às 14h e 12 min.